

Rosh Gilnei Ben Avraham

Calendário Bíblico VII – Os Adventistas e o Dia do Sol Invencível

כֹּה אָמַר יְהוָה אֵל דֶּרֶךְ הַגּוֹיִם אַל תִּלְמְדוּ וּמֵאֵ תוֹת הַשָּׁמַיִם אַל תִּחַתּוּ |
כִּי יִחַתּוּ הַגּוֹיִם מִהֶמָּה:

Koh amar Yahweh El derech el há goym el tilemadu umeotot hashamaym el techatu.
Ki yeschatu ha goym mehamáh.

“Assim diz Yahweh: Não aprendais o caminho dos gentios, nem vos espanteis dos sinais dos céus; porque com eles se atemorizam as nações..” Yirmyahú/Jr 10:2.



MINISTÉRIO NAZARENO COMUNIDADE DE ISRAEL

<http://br.groups.yahoo.com/group/ministerionazarenocomunidadeisrael/>

gilnei_9@hotmail.com | [skype: gilnei.barboza.da.silva](https://www.skype.com/join/gilnei.barboza.da.silva)

Rua Missionário Gunar Vingrem, 1922

Bairro Nova Brasília, Ji-Paraná/RO

(69) 3421-6051 | TIM 8123-5557

Introdução:

Desde 1650 diversos grupos guardadores do sábado se têm levantado, destacando-se o mais antigo, os batistas do sétimo dia, e seus descendentes diretos o povo adventista do sétimo dia.

Altamente anti-ecumênica a Igreja Adventista do Sétimo Dia se considera a igreja remanescente, o Israel moderno acima do mundo e que não pode ser denunciado como parte de Babel sem grande ofensa a Elohim como mostra a nota da Sra White.

“ Deus (Elohim) tem na Terra uma igreja que está erguendo a lei pisada a pés, e apresentando aos homens o Cordeiro de Deus (Elohim) que tira o pecado do mundo a igreja é depositária das abundantes riquezas da graça de Cristo (do Maschiach), e pela igreja (Kahal) será finalmente exibida a última e plena manifestação do amor de Deus (Elohim) ao mundo.. no mundo só existe uma igreja (Kahal) que presentemente se acha na brecha, tapando o muro e restaurando os lugares assolados.” e todo homem que chamar a atenção do mundo e de outras igrejas para esta igreja, denunciado-a como Babilônia (Bavel), está trabalhando de acordo com aquele que é o acusador dos irmãos.”¹

Paradoxalmente a mesma autora declara:

"Os professos seguidores de Cristo (Maschiach) não são mais um povo separado e peculiar. A linha de demarcação é imperceptível. O povo está se subordinando ao mundo, às suas práticas, costumes e egoísmo. A igreja (kahal) passou para o mundo, transgredindo a Lei, quando o mundo devia passar para a igreja na obediência da mesma. Diariamente a igreja (kahal) está se convertendo ao mundo."²

Esta ambigüidade que proclama a Igreja Adventista como remanescente e mundana ao mesmo tempo é o reflexo de outra ambigüidade. Até hoje a igreja tão presta em rejeitar o domingo como festa pagã ainda não soube o que fazer com a “semana da paixão” com o “natal” e com o ano novo, instituições oriundas do paganismo. Isso compromete enormemente a postura adventista de serem um povo separado das instituições romanas e pagãs e o conceito de serem o remanescente de Israel.

¹ Ellen White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, pág. 51.

² Ellen White, *Serviço Cristão*, pág. 45.

I – A Ambígua Posição Adventista

Para qualquer estudioso das festas romanas e pagãs é impossível não notar a ambigüidade das posições adventistas. Como pode um povo que a mais de cento e cinquenta anos denuncia a festividade pagã do domingo instituído em honra ao deus sol tolerar e estimular a celebração do antigo culto a Ninrode?

Os adventistas dirão sempre não ao domingo, apelando para sua origem não bíblica e citando freqüentemente a declaração de Yeshua, que embora não se refira a diretamente a doutrinas, mas a pessoas que não foram plantadas pelo Pai Celestial dizendo que tudo o que ele não criou será arrancado.

Eles dizem, por exemplo, quando o assunto é domingo, que nem as boas intenções dos crentes da cristandade justificam a permanências de qualquer deferência para com esse dia alegando que ele não é uma planta do pai celestial, e que como remanescentes daquilo que chamam de “Israel Espiritual” é sua missão denunciar.

O curioso é que quando esbarram com o natal a boa intenção de cultuar ao Criador na dádiva máxima de seu filho justifica a celebração de festividades natalinas numa máxima que rejeitam em relação ao domingo, a saber: que os fins justificam os meios.

Mas afinal, se a intenção é o que conta já que na atualidade a festividade do natal já não guarda resquícios do nome de Ninrode como os adventistas supõem então por que censurar a cristandade por guardar o domingo cristão quando ele já não guarda resquícios da antiga reverência para com os deuses solares de Babel?

O objetivo desse tópico não é desmerecer os progressos feitos pelos adventistas, mas chamar-lhes a um rompimento completo do cordão umbilical que ainda o prende a Roma. Me atarei a analisar essa ambigüidade com base em textos oficiais.

II – Talmud x Judaísmo – Testemunhos x Adventismo

Dizer que o judaísmo seria impossível sem o talmude é um mito rabínico insustentável posto que existem 13 000 judeus praticantes, os caraítas que abominam o Talmud e consideram uma obra idolátrica e ainda assim se mantém fiéis à Torah de Moshe provando que é possível ser fiel sem precisar de tradição oral.

Calendário Bíblico VII – Os Adventistas e o Dia do Sol Invencível

Do mesmo modo, o mito de que um povo não pode permanecer de pé guardando dez mandamentos sem um profeta sucumbe ante a realidade da história posto que a Igreja Batista do Sétimo Dia depois de 350 anos ainda guarda o shabat como em 1650 com seus 50 mil membros sem ter erguido ninguém à categoria de profeta.

O mesmo fenômeno ocorreu com a Igreja Adventista da Promessa que chegou a 100 000 membros em 70 anos de história, quase o mesmo número que os adventistas do sétimo dia alcançaram com a mesma idade sem pretenderem semelhante coisa.

Aliás, um profeta não tem o dever de falar em harmonia com dez mandamentos, posto que estes representam apenas uma pequena parcela da vontade de Elohim. A Torah possui 613 mandamentos e não 10 mandamentos.

O fato de alguém defender 10 mandamentos não se constitui em prova maior em favor das pretensões proféticas do que a defesa de 9 mandamentos em favor das pretensões de nenhum outro cristão, não obstante a isso as pretensões atribuídas pela Sra. White à sua obra são imensas.

Ela mesma declarou:

"Tenho escrito muitos livros e eles têm tido ampla circulação. Eu sozinha não poderia haver revelado a verdade nestes livros, mas o Senhor (Adonay) tem me dado a ajuda do seu Santo Espírito (da sua ruach há kodesh). Estes livros, dando as instruções que o Senhor (Adonay) tem me dado durante os passados sessenta anos contém luz do céu e suportarão a prova da investigação."³

Que ninguém se engane quanto as pretensões da Sra; White, pois esta ao mesmo tempo que declara que sua obra é um luz menor, também diz que ela está a par e par com a Bíblia.

"O Espírito Santo (a ruach há kodesh) é o autor (autora) das Escrituras e do Espírito de Profecia."⁴

"Antigamente Deus (Elohim) falava por meio dos profetas e apóstolos. Nestes tempos Ele tem falado por meio dos testemunhos de seu Espírito. (sua ruach)"⁵

³ Ellen White, Mensajes Selectos, tomo 1, p. 35, escrito em 1906. Parênteses acrescentados.

⁴ Ellen White, Selected Messages, Tomo 3, p. 30 Parênteses acrescentados.

⁵ Ellen White, Testimonies, Tomo 4, p. 148; Tomo 5, p. 661 Parênteses acrescentados.

Mas nenhuma de todas as declarações reivindicando autoridade para sua obra e para seus escritos parece ser mais pretensiosa do que essa:

"Eu não escrevo nenhum artigo no papel expressando meramente minhas próprias idéias. **Elas são o que Deus (Elohim) tem-me mostrado em visão** – preciosos raios de luz que brilham desde o trono." "O Espírito Santo (a ruach há kodesh) tem traçado verdades em meu coração e em minha mente."⁶

Embalados por tais declarações reivindicadoras de tamanha autoridade, os adventistas do sétimo dia aprenderam a ver os escritos da Sra. White como um guia seguro em todos os casos e momento.

De fato, assim como um judeu tradicional investigará o Talmud antes que a Torah, e se decidirá pelas interpretações antes que pelo texto puro e simples da Torah um adventista tende a ver nos livros que denomina triunfalisticamente de o “Espírito de Profecia” a palavra final em matéria de fé, e só a partir dali, já com a mente sugestionada investigará a Bíblia e isso é verdade também em relação ao natal.

III – O Natal na Literatura Adventista

A literatura adventista contém variada e contraditória informação sobre o natal, essas contradições começam nos próprios livros denominacionais aos quais é atribuído o pomposo título de “espírito de profecia”, para os quais os adventistas olham como se fossem os escritos dos profetas.

A Sra. White reconhece alguns fatores interessantes sobre a festa pagã do natal, ela entende que é supostamente a data do nascimento do Messias, que a Bíblia não revela a data certa, e que a verdadeira adoração deve ser prestada a Yeshua.

"Aproxima-se o Natal", eis a nota que soa através do mundo, de Norte a Sul e de Leste a Oeste. Para os jovens, de idade imatura, e mesmo para os de mais idade, é este um período de alegria geral, de grande regozijo. Mas o que é o Natal, que assim exige tão grande atenção?

O dia 25 de dezembro é supostamente o dia do nascimento de Jesus Cristo (Yeshua Há Maschiach), e sua observância tem-se tornado costumeira e popular. Entretanto

⁶Manuscrito 27 de 1867. Extraído de “Ellen G. White, Mensageira da Igreja Remanescente”, Pg 35. De autoria de seu neto Arthur L. White. Parênteses acrescentados.

não há certeza de que se esteja guardando o verdadeiro dia do nascimento de nosso Salvador. A História não nos dá certeza absoluta disto. A Bíblia não nos informa a data precisa. Se o Senhor tivesse considerado este conhecimento essencial para a nossa salvação, Ele Se teria pronunciado através de Seus profetas e apóstolos, para que pudéssemos saber tudo a respeito do assunto. Mas o silêncio das Escrituras sobre este ponto dá-nos a evidência de que ele nos foi ocultado por razões as mais sábias.

A adoração da alma deve ser prestada a Yeshua como o Filho do infinito Deus (Elohim).⁷

Apesar de todo esse reconhecimento ela afirma:

“Sendo que o dia 25 de dezembro é observado em comemoração do nascimento de Cristo (Maschiach), e sendo que as crianças têm sido instruídas por preceito e exemplo que este foi indubitavelmente um dia de alegria e regozijo, será difícil passar por alto este período sem lhe dar alguma atenção. Ele pode ser utilizado para um bom propósito.”⁸

É impossível deixar de notar que a Sra. White denuncia do domingo como uma festividade pagã, como de fato é, e se esforça para que os crentes se mantenham distante dela, e apesar disso se manifesta tão leniente em relação ao natal, que em nada é menos pagão que o domingo.

Isso é no mínimo curioso. Há uma recomendação para que uma festividade popular e pagã, oriunda da Antiga Babilônia seja promovida dentro da igreja, com a defesa da posição de que isso não deve ser considerado pecado.

A Igreja Adventista, embasada em textos desse teor se pronuncia ainda hoje de forma completamente ambígua com relação a esse tema, a ponto de adotar a posição natal sim e domingo não, o que não é de admirar quando a mesma Sra.White adverte aos pais a nem sequer pensarem que uma árvore de natal se constitui em pecado.

“Não devem os pais adotar a posição de que uma árvore de Natal posta na igreja para alegrar os alunos da Escola Sabatina seja pecado, pois pode ela ser uma grande bênção. Ponde-lhes diante do espírito objetos benevolentes. Em nenhum caso o mero divertimento deve ser o objetivo dessas reuniões. Conquanto possa haver alguns que

⁷ Ellen White, Review and Herald, 9 de dezembro de 1884. Parênteses acrescentados.

⁸ Ellen White, Natal - Ocasão Para Honrar a Deus (O Lar Adventista, pág. 477-478) Parenteses acrescentados.

transformarão essas reuniões em ocasiões de descuidada leviandade, e cujo espírito não recebeu as impressões divinas, outros espíritos e caracteres há para quem essas reuniões serão altamente benéficas. Estou plenamente convicta de que inocentes substitutos podem ser providos para muitas reuniões que desmoralizam.”⁹

Suas palavras de incentivo às celebrações natalícias são tão notórias que ela recomenda que até mesmo a árvore de natal seja usada para coletar ofertas no fim de ano.

“Deus (Elohim) muito Se alegraria se no Natal cada igreja tivesse uma árvore de Natal sobre a qual pendurar ofertas, grandes e pequenas, para essas casas de culto. Têm chegado a nós cartas com a interrogação: Devemos ter árvores de Natal? Não seria isto acompanhar o mundo? Respondemos: Podeis fazê-lo à semelhança do mundo, se tiverdes disposição para isto, ou podeis fazê-lo muito diferente. Não há particular pecado em selecionar um fragrante pinheiro e pô-lo em nossas igrejas, mas o pecado está no motivo que induz à ação e no uso que é feito dos presentes postos na árvore.

A árvore pode ser tão alta e seus ramos tão vastos quanto o requeiram a ocasião; mas os seus galhos estejam carregados com o fruto de ouro e prata de vossa beneficência, e apresentai isto a Deus (Elohim) como vosso presente de Natal. Sejam vossas doações santificadas pela oração.”¹⁰

Essa é uma nota surpreendente a celebração de uma festa de origem pagã é vista aqui como uma inocente oportunidade para promover a beneficiência juvenil, é evidente que a Sra. White passou por alto a origem completamente pagã dessa festividade e a antiga proibição a adoção de postes ídolos do mundo pagão.

“Não plantarás nenhuma árvore junto ao altar de Yahweh teu Elohim, que fizeres para ti. Nem levantarás imagem, a qual Yahweh teu Elohim odeia.” Devarim/Dt 16:21-21.

Essa ordem terminou sendo desrespeitada por Israel, que seguido o caminho dos gentios começou a cultuar embaixo das árvores como registra a história sagrada.

“Os filhos de Israel fizeram contra o Yahweh, seu Elohim, o que não era reto; edificaram para si altos em todas as suas cidades, desde as atalhas dos vigias até à cidade fortificada. Levantaram para si colunas e postes-ídolos, em todos os altos outeiros e debaixo de todas as árvores frondosas. Queimaram ali incenso em todos os

⁹Ellen White, Review and Herald, 9 de dezembro de 1884. Parênteses acrescentados.

¹⁰ Ellen White, Review and Herald, 11 de dezembro de 1879. Parênteses acrescentados.

altos, como as nações que Yahweh expulsara de diante deles; cometeram ações perversas para provocarem a Yahweh à ira e serviram os ídolos, dos quais Yahweh lhes tinha dito: Não fareis estas coisas.” Melechim Beit 17:9-12.

Verdade é que os adventistas não se prostram no natal em adoração ante as árvores no dia do natal do mesmo modo que os cristãos não se prostram diante do sol no dia do domingo, mas ainda assim é digno de nota que há no seu culto uma mistura estranha de adoração a Elohim e métodos pagãos.

Haja visto que a literatura oficial tão enfática em denunciar alguns erros do paganismo não deixa de denunciar o domingo como reminiscência da adoração do astro rei no Dies Sollis e o natal como reminiscência da adoração do Dies Sollis Invictuus como se pode ver no do conhecido autor Julio Shuants onde ele explica a força do mitraísmo persa sobre a religião católica.

“Um culto pagão, que começou a tomar vulto no começo de nossa era e gradualmente se propagou através do Império Romano, foi o mitraísmo. Combinando elementos da antiga religião do Irã com os "mistérios" de vários cultos pagãos, o mitraísmo promovia o culto do Sol, símbolo visível do deus Mitra. Esse culto se tornou muito popular com o Exército romano e com alguns imperadores, tais como Elagábalo e Aurélio.

Foi o mitraísmo que popularizou a semana astral entre os habitantes do Império. O primeiro dia era dedicado ao Sol, o segundo à Lua, e os demais aos cinco planetas então conhecidos: Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno. Várias línguas européias retêm até hoje nos nomes dos dias da semana vestígios desua origem mitraica. Raramente lembrado é que, antes de nossa era, o ciclo semanal de sete dias era totalmente desconhecido entre gregos e romanos, embora familiar aos israelitas desde tempos imemoriais.

Pois bem, com a propagação do mitraísmo, o primeiro dia da semana ganhou entre os pagãos uma popularidade inusitada. Começou a ser conhecido como o dia do "Sol Invictus", o dia em que o nascimento do Sol era saudado com cerimônias religiosas especiais.

Pela primeira vez, cristãos e pagãos tinham algo em comum: a veneração do primeiro dia da semana, o dies solis, "dia do Sol", com a diferença que, enquanto os pagãos veneravam Mitra, simbolizado pelo disco solar, os cristãos celebravam a ressurreição de Cristo, o "Sol da Justiça."

A coincidência foi de conseqüências lamentáveis para a Igreja cristã, inaugurando aquela série de compromissos sutis pelos quais práticas religiosas pagãs foram ganhando admissão na Igreja, erradamente ansiosa de tornar seu culto atraente ao mundo pagão.

Na opinião do historiador W. W. Hyde, vestígios da luta entre o mitraísmo e o cristianismo são reconhecíveis em duas instituições adotadas, pelo cristianismo, do seu rival: os dois dias santos mitraicos, vinte e cinco de dezembro, dies natalis solis, "dia natal do Sol", adotado como o dia de nascimento de Jesus, e o domingo, "o venerável dia do Sol", como Constantino o chamou em seu edito de 321."¹¹

Lamentavelmente, mesmo em face destas estarrecedoras revelações de que o natal se reveste da mesma origem pagã do culto ao domingo, os adventistas continuar a singrar as mesmas águas navegadas pela Sra. White, reconhecendo a origem pagã do natal e sancionando sua prática.

“Como instituição religiosa, o Natal não tem fundamento na Bíblia, e sim no paganismo. Nem Jesus Cristo (Yeshua Há Maschiach) nem os apóstolos instituíram o Natal. Como costume, ele veio do paganismo, e foi introduzido na Igreja Católica por volta do século IV, baseando-se, portanto, na autoridade dessa igreja e não da Palavra de Deus... (Elohim)”

“Em face dos esclarecimentos, revelações, desmistificações, ou fatos e verdades precedentes, alguns poderiam julgar oportuna a pergunta: Como Igreja Adventista do Sétimo Dia, temos razões ou justificativas para comemorar o natal, sendo esta uma festividade de fundo pagão e que honra a autoridade de Roma? Não seria melhor se abolíssemos de nosso meio as programações natalinas? Tendo em mente o verdadeiro significado do Natal, penso que como igreja fazemos bem em observá-lo. Afinal, o nascimento de Jesus (Yeshua) não foi um fato, uma realidade?”¹²

Esta é uma posição que parece típica do mundo cristão dominguista que reconhece que embora os pagãos guardassem o domingo em honra aos seus “deuses”, eles o fazem em honra ao Messias que ressuscitou, e uma vez que a ressurreição é um fato não fica nada mal celebrar o domingo.

¹¹ S. Júlio Schwantes, O Despontar de uma Nova Era, capítulo "Desafio ao Criador", págs.237-238, 1ª edição, 1984, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, SP

¹²Revista Adventista, dezembro de 1984 pag. 14

IV – O Mundo Cristão Analisa a Ambigüidade Adventista

O tema natal e adventismo foi objeto de análise entre pentecostais recentemente, e as posições da Sra. White comentadas assim pelo Presbítero Paulo Cristiano das Assembléias de Deus do Brasil.

“É claro que a sr^a. White não disse toda a verdade sobre o Natal, caso contrário teria de abandoná-lo, ainda mais se usar o mesmo critério que usou a respeito do domingo. Será que Ellen White como escritora e pesquisadora de história sabia da origem do Natal? É pouco provável que fosse ignorante no assunto, já que seus apologistas consideram-na como grande historiadora chegando a afirmar que “Tudo quanto disse e escreve foi puro, elevado, cientificamente correto e profeticamente exato.” (Subtileza do Erro, pág. 35).”¹³

Uma posição delicada sem dúvida e que deixou o adventismo com ar de meia verdade. A eles ainda cabe o mérito de serem o grupo cristão que melhor soube projetar o shabat entre os gentios como um dia perpétuo, e claro que nesse sentido estão numa posição mais confortável que a cristandade que rejeita o shabat.

Apesar disso é forçoso reconhecer que eles se encontram numa posição defensiva, pois os cristãos protestantes de hoje não sabem apenas que o domingo era originalmente uma festividade pagã, sabem que o natal também o era.

Os adventistas estão na incomoda posição de baixarem a guarda no que diz respeito a honra dos cristãos ao domingo que consideram a marca da besta por ter se tornado o dia de guarda do catolicismo para poderem celebrar o natal de Roma ou então denunciarem o natal junto com o domingo e abandonarem mais esse emblema da religião romana.

Na situação atual os adventistas natalinos podem e devem denunciar os demais cristãos pela transgressão e desprezo sistemático do shabat, mas devem silenciar quanto as denúncias contra os cristãos dominguistas por celebrarem a seu bel prazer a morte do Messias no domingo.

¹³ Presbítero Paulo Cristiano, *Igreja Evangélica Assembléia de Deus, professor de religiões, vice-presidente do CACP e escritor. Artigo Natal sim, domingo não. Por quê?*
<http://www.cacp.org.br/adventismo/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=66&cont=1&menu=1&submenu=7>

Simplesmente não dá censurar guardadores do domingo alegando que estão seguindo o vaticano e plantar uma árvore de natal dentro de seus templos e celebrar cultos natalícios. Essa é uma boa oportunidade para tomada de posição, como bem observa o protestante que preparou o artigo.

“Isto posto, nosso objetivo foi alcançado, qual seja, mostrar a incoerência e em muitos casos até mesmo hipocrisia que incorrem os adventistas do sétimo dia quando exaltam o natal em detrimento do domingo. Para serem honestos deveriam chegar às mesmas conclusões para ambas as festividades, morte e ressurreição, já que usaram o mesmo critério na avaliação da origem. Como vimos, muitos adventistas já estão dando conta da seriedade do problema e se debandando para o lado extremista das Testemunhas de Jeová. Sejam coerentes: ou domingo, Natal e árvores; ou nem domingo nem Natal e nem árvores!”¹⁴

Conclusão: O Yom Kyppur pelo Natal

Já dissemos que um povo celebra as festas ordenadas pelo Eterno ou virá a criar suas próprias celebrações. Isso é particularmente verdade em relação aos adventistas que recuam horrorizados ante a idéia de um jejum universal a ser celebrado no décimo dia de Tshirey o 7º mês judaico.

Para eles, jejuar no Yom Kippur é uma prática hedionda, um sacrifício desnecessário numa época de graça quando Yeshua pôs fim as exigências do que chamam de lei cerimonial. Para eles parece ser de pouca monta que esse dia seja classificado de solenidade tão grande e permanente como o shabat, mesmo em face da ordem:

“Nenhum trabalho fareis; estatuto perpétuo é pelas vossas gerações em todas as vossas habitações. Sábado de descanso vos será; então afligireis as vossas almas; aos nove do mês à tarde, de uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado.”
Vaikrá/Lv 23:31-32.

O curioso é que a mesma organização que considera tal mandamento solene e perpétuo não apenas fútil, mas até ofensivo ao Criador decidiu por estabelecer um jejum universal no mês de dezembro por razões historicamente relacionadas a um milagre ocorrido a 25 de Dezembro.

¹⁴ Idem!

Calendário Bíblico VII – Os Adventistas e o Dia do Sol Invencível

“Após duas semanas de orações especiais em favor do Pastor White, os crentes de Rochester passaram o dia 25 de dezembro, o Natal de 1865, em jejum e oração pelo retorno de sua saúde. Deus respondeu concedendo-lhes (e ao mundo) um impressionante presente de Natal.”¹⁵

A cura de um irmão querido após vários dias de oração se constitui em motivo de gratidão para qualquer pessoa, contudo não se constitui em motivo para que um mandamento do Criador seja substituído por uma prática humana.

Essa é mais uma prova de que o ser humano, ou se alimenta da palavra e dos mandamentos do Eterno ou se alimentará de si mesmo e caminhará na luz das faíscas acesas por seus próprios pés e sua própria experiência.

É graça a situações como essas que o povo adventista, tão determinado em defender o sábado e a condenar o domingo consegue, não obstante a isso celebrar o natal pagão com sua árvore de natal plantada nos lugares de culto e reunião.

Nos oramos de coração para que os adventistas chamados pelo conselho de Elohim possam interromper qualquer vínculo, ainda que simbólico com Roma, que aliás é o que cada adventista sincero deseja.

Fim da Terceira Parte

¹⁵ História do Adventismo, pag. 224